

PROJETO: "HISTÓRIA DA UFJF"

Formulário de registro das informações sobre a entrevista

Instituição responsável pela custódia: Universidade Federal de Juiz de Fora.
Localização: Projeto "História da UFJF - SALA CIII 12
Código de Referência: 12
Entrevista Nº.: 12
Tipo de Arquivamento: (Áudio, Vídeo e impresso)
Fundo/Coleção: Entrevistas Projeto "História da UFJF"

Detalhamento dos objetivos e natureza da Entrevista

História de Vida: ()
História Oral Temática: (X)
Tradição Oral: ()
Linha de pesquisa: Memória da UFJF
Projeto de pesquisa: "História da UFJF"
Responsável (s) pelo projeto de pesquisa: Marcos Olender (coordenador Geral)
Camila Gonçalves S. Figueiredo (Coordenadora Executiva)
Objetivos da coleta do depoimento: A coleta do depoimento tem por objetivo a constituição de acervo de depoimentos orais de indivíduos que possuem experiências na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, ao longo da sua história.

Dados Pessoais do Entrevistado

Nome: Eduardo Condé
Data de Nascimento: Não foi informado
Cidade: Juiz de Fora Estado: MG Nacionalidade: Brasileira
Sexo: (X) M () F
Estado Civil: Não Informado
Demais informações/dados para contato:
Telefone: e-mail:

Atuação profissional

Formação: Pós-Doutorado Cargo/função: Professora/Pesquisador
Trajetória profissional: Foi professor de diversos colégios das redes pública e privada da cidade de Juiz de Fora, depois entrou para a Universidade Federal de Juiz de Fora no ano de 1990.

Dados do Conteúdo da Entrevista

Sumário da Entrevista:

[00:04 - 10:17]
Trajetória de Vida: infância, juventude, formação profissional, cidade de Juiz de Fora.

[10:17 - 15:03]

Filiação partidária; participação no movimento estudantil; Movimentos políticos em JF; Atividades anteriores a acadêmicas; Greves.

[15:03 – 24:18]

Formalidades institucionais; Metodologia avaliativa.

[24:18 – 36:51]

Relação da universidade com a comunidade; REUNI; Relação com órgãos de pesquisa; papel da ciência na sociedade.

[36:51 – 50:12]

Papel do professor perante a sociedade Visão futura da UFJF.

Palavras-Chave: Professor, pesquisador, historiador, ICH.

Resumo: *(informações gerais do conteúdo da entrevista)*

A entrevista trata da trajetória do professor Eduardo Condé enquanto aluno, professor na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Dados Técnicos Entrevista

Data da realização da entrevista: 19/08/2013

Local (completo): Sala da direção do Instituto de Ciências Humanas, Bloco A, 1º andar – Instituto de Ciências humanas – UFJF.

Duração: 50 minutos e 12 segundos

Nº de fitas e/ou tempo de gravação: 1 áudio

Números de identificação das fitas e/ou do arquivo em áudio: 19

Responsável pela pesquisa e elaboração do roteiro: Eduardo Barbosa

Entrevistador: Eduardo Barbosa

Cinegrafista: *(quando houver)*:

Auxiliar (s) Técnico: *não houve*

Responsável pela transcrição: Luiz Guilherme Martins Ferreira

Data da transcrição: Início: 02/06/2014

Conclusão: 24/06/2014

Responsável pela conferência da transcrição:

Data da conferência da transcrição:

Responsável pela edição de texto *(se houver)*: X

Especificações da edição de texto *(se realizada)*:

Data de assinatura do termo de autorização: 08/07/2013

(quando a autorização não ocorreu no ato da entrevista também especificar a data)

Data da liberação: dd/mm/aaaa

(somente quando o entrevistado solicitou o sigilo por um prazo determinado ou até a sua morte)

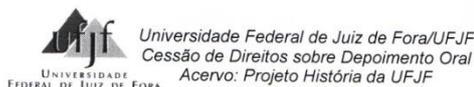
Qtde. de páginas transcritas: 29

Endereço para acesso eletrônico do arquivo em áudio:

Endereço para acesso eletrônico da transcrição:

Observações relevantes: Durante a entrevista houve barulho de buzina de carro. Há problemas com a gravação do vídeo.

Inserir Declaração de Cessão de Direitos autorais (versão digitalizada)



CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Eduardo Salomão Pardo,
nacionalidade: Bra. Br. Br., estado civil: casado,
profissão: FUNC. PÚBLICO/PROF., portador do documento de Identidade
Nº: MG 214085, domiciliado e residente na cidade de
Juiz de Fora, endereço: Rua Renato Dias,
nº: 650/713, bairro: São Pedro, declaro ceder Universidade Federal de
Juiz de Fora, situada na cidade de Juiz de Fora/Minas Gerais, na Rua José Lourenço
Kelmer, s/n, Campus Universitário, bairro São Pedro, sem quaisquer restrições quanto
aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, de maneira total e definitiva os direitos
autorais do depoimento e da transcrição do mesmo, de caráter histórico e documental
que prestei aos alunos e pesquisadores da referida instituição, em 19 de
agosto de 2013, num total de 0,51 horas gravadas. A Universidade
Federal de Juiz de Fora, no ato das suas atribuições, ficará com a custódia desta
entrevista e irá disponibilizá-la para consulta e utilização por outros pesquisadores em
meio eletrônico e em arquivo.

Demais especificações:

Finalidade do depoimento: **Projeto "História da UFJF"**

Método de gravação e arquivamento:

Juiz de Fora, 19 de agosto de 2013.

[Assinatura]
Assinatura do entrevistado

Carolina Martins Esporatti

Assinatura do (s) responsável (s) pelo Projeto "História da UFJF"

Transcrição da Entrevista

[00:04] CONDÉ: Você precisa carregar isso aí?

[00:05] CAROLINA: Não,por enquanto não.Então pra começar a entrevista eu queria que você falasse da,um pouco sobre a sua trajetória de vida,aonde você nasceu,se é de Juiz de Fora,se não é?

[00:17] CONDÉ: Inclusive a trajetória acadêmica,ou só a tra,a.

[00:21]CAROLINA: Isso.

[00:23] CONDÉ: Eu nasci em Juiz de Fora,em sessenta e, mil novecentos e sessenta e quatro,portanto eu tenho quarenta e oito anos,vou fazer quarenta e nove só em,em Outubro,eu estudei em escola privada todo o meu,o meu,toda minha trajetória escolar, fiz o curso de historia na universidade aqui na década de oitenta,eu sou da turma de oitenta e três,oitenta e quatro,me formei em oitenta e sete,fiz mestrado nos no Instituto universitário de pesquisas do Rio de Janeiro o IUPERJ,em ciência política nos anos,entre oitenta e oito e noventa e dois na época,era um mestrado que durava mais tempo,ingressei na universidade num concurso publico em noventa,pro departamento de ciências sociais na carreira de ciência política,na cadera,na área de ciência política,e vinha fazendo doutorado em economia no final da década,entre,em dois mil na verdade,a partir de dois mil e um eu fiz doutorado na universidade de Campinas,conclui a tese em dois mil e quatro e tá,hoje eu sou professor associado a universidade,eu fiz agora,entrei na universidade na verdade,fiz concurso em noventa,entrei em noventa e dois,então é na verdade tem,tá fazendo vinte e um anos que eu estou na universidade.

[01:47] CAROLINA: E quais foram as motivações pessoais que o levaram a escolher sua profissão?

[01:54] CONDÉ: Eu sempre a,fazer a área de ciências humanas,se,e,e,eu nunca tive muita duvida quanto a isso não,minha primeira entrada na universidade,inclusive foi no curso de filosofia,eu mudei depois pro curso de historia,ode eu acabei me formando,mais é,desde o ensino médio,ou ate mesmo antes,final do,do,do,do ensino fundamental,oitava seria,como eu tinha,sempre gostei muito de literatura ou,ou,ou algo do gênero,a mina trajetória sempre teve muita relação com as ciências humanas,então eu nunca tive muita duvida quanto a área em que eu deveria fazer,poderia eventualmente ter feito direito mais isso num é,não deixa de ser uma área afim as ciências humanas,mais eu nunca tive muita duvida com isso.A minha motivação original,num tinha muita relação com o mercado de trabalho nem foi muito pensada em torno disso não,era muito mais interesse pessoal assim antes de qualquer outra coisa,agora agente sempre sabe que,essa trajetória nas ciências humanas ela normalmente tem muito a ver com,com ser professor,mesmo que depois eu tenha ido fazer ciência política e depois economia no doutorado,mais ai eu já estava na universidade,quando eu fui fazer doutorado eu já estava na universidade já,há oito pa nove anos,então é,é,o que me motiva na verdade é o interesse maior pelas ciências humanas,não tenho nenhuma expectativa em relação ao mercado de trabalho,ainda que eu soubesse que muito provavelmente eu seria professor,então não é,não é uma trajetória muito estruturada,muito pensada,eu vou fazer ciências humanas por que eu quero esse emprego,eu quero ser um pesquisador,eu quero ser um professor,na verdade na época,na década de oitenta,final da década de oitenta o,nós não tínhamos pós graduação aqui,pós graduação daqui é posterior né,é nós também um,a,a tradição no Brasil de área de pesquisa é relativamente pequena em,em muitas áreas,então era mais ou menos inevitável,eu,eu cheguei a ser professor ai,antes de formar,ainda em historia,eu já tinha,eu fui professor durante dois anos,então na metade do curso de historia eu

já dava aula, digamos assim. em escola pública é em geral e depois logo que eu me formei eu passei em concurso público pra dar aula no estado do Rio, alias na prefeitura, município do Rio de Janeiro, enquanto eu fazia mestrado eu também dei aula, e aí quando eu volto pra Juiz de Fora, quando eu fiz o concurso da universidade e voltei pra dar aula, eu fui dar aula em escola privada e pública, então assim a trajetória de professor se naturalizou, por que ainda que eu não tivesse uma convicção previa de que seria isso o encaminhamento da vida acabou me levando a isso com relativa facilidade.

[04:47] CAROLINA: E como era a cidade de Juiz de Fora no período da sua infância, da sua juventude? Que você se lembre?

[04:54] CONDÉ: Era uma cidade muito diferente, uma cidade assim do ponto de vista da estrutura da cidade em termos dos recursos inclusive os equipamentos urbanos que a cidade tem eu te diria que eram de melhor qualidade, por incrível que possa parecer, por exemplo o transporte público era mais eficiente do que é hoje, a limpeza urbana era mais eficiente do que é hoje, a estruturação do espaço urbano é, era menos desregulamentada do que é, é, é, era o contrário, era mais regulamentada do que é hoje, nós tínhamos áreas que depois se deterioraram é, vamos dizer muito rápido na cidade, acho, a especulação imobiliária que tem aqui a partir dos anos noventa alterou muito a face da cidade, eu me lembro, eu me lembro ainda, se bem que era muito pequeno, mais eu me lembro ainda quando o sistema viário ainda tinha bonde. isso foi entre, eu nasci em sessenta e quatro, os bondes acabaram em mil novecentos e sessenta e nove a setenta, senão, se eu me lembro, e eu ainda andei de bonde pela cidade, então assim era uma cidade menor, tinha uns, nós tínhamos uns duzentos, uns cento e cinquenta mil habitantes apenas, é, uma cidade que tinha. tava, enfrentava uma decadência econômica, é mais intensa do que hoje, mais em termos de equipamento urbano uma cidade que me parecia mais bem provida, por incrível que pareça do que hoje, mais isso é mais uma impressão, num to traduzindo isso em dados não, to traduzindo em impressão, é, e um outro detalhe é, que era uma cidade com menos diversificação, diversificação que eu digo é o seguinte, o comércio era menos diversificado por exemplo, não é, eu nasci e fui criado num bairro, então é, o que eu lembro da, da minha infância e da minha adolescência, o início da adolescência pelo menos era futebol de rua, era contato com as pessoas próximas, tinha relação de vizinhança, muito grande, eu até completar dezoito anos, na verdade eu morei na mesma casa até vinte e dois anos, vinte e quatro anos, vinte e dois por que eu morei no Rio dois anos, vinte e dois anos na mesma casa, então a minha vida era relativamente tranquila, a minha família era de classe média, classe média alta, eu não posso reclamar da vida nem em termos de formação nem em termos de dificuldade ou de acesso a recursos, ou seja, nós sempre viajamos, nós sempre tivemos acesso a biblioteca, nós sempre tivemos acesso a recursos, então assim a lembrança que eu tenho da cidade, é de uma cidade menos desordenada do que hoje, com equipamentos ainda que problemáticos em muitos casos atendendo melhor a cidade e lembro de uma vida de bairro, uma vida de comunidade, existia uma vida comunitária me parece, hoje olhando a distância me parece que tem mais significativa do que tem hoje, então mais ou menos isso.

[08:07] CAROLINA: E como você enxerga a cidade hoje?

[08:09] CONDÉ: Pois é, eu enxergo uma cidade muito mais regulamentada, muito mais mal cuidada e muito mais sem nenhuma perspectiva de planejamento, Juiz de Fora hoje é uma cidade que não se planeja, Juiz de Fora é uma cidade hoje que, que pensa e resolve problemas pragmáticos, ou seja, surge o problema de um lugar, ataca-se, surge outro, ataca-se, ninguém pensa na cidade como um todo, essa perda da capacidade de planejamento da cidade é uma coisa que vem dos anos noventa, coincide exatamente com essa época que eu to falando que aumenta a desregulamentação, piora a qualidade dos serviços, e a cidade ainda não, ainda que ela tenha apresentado melhoras de indicações, indicativos econômicos por exemplo, as

condições da vida material na cidade não se alteraram e eu acho que no tempo elas pioraram ao invés de melhorar, isso é discutível do ponto de vista dos dados mais certamente pra quem viveu na cidade dos anos oitenta até os anos noventa e vive hoje, certamente nós temos uma cidade hoje com uma vida urbana muito mais selvagem do que tinha há dez, quinze, vinte anos atrás, isso não tem nada a ver com a violência não, apesar de muitas vezes as pessoas associarem violência com isso é, eu ten, eu tenho a clara é impressão de que a ideia da violência na cidade é, é não é que a cidade é violenta, mais é de que a cidade tem uma sensação de insegurança muito maior, então eu assim, eu vejo a cidade com, com alguma preocupação no que tange a falta de capacidade de planejamento, a falta de capacidade de resposta a problemas urbanos, que nós não tinha mos antes, e também é uma cidade que foi muito mal dirigida nos últimos vinte anos, nos tivemos governos desastrosos, uma sucessão de desastres, e isso acabou aju, jugando a cidade e o, e o poder executivo num, num buraco sem fundo, acho que isso hoje é o grande problema, a incapacidade das lideranças políticas de conduzirem a cidade prum outro projeto, com outra estrutura de planejamento e com outras preocupações, acho que esse é o principal problema hoje.

[10:17] CAROLINA: Sim, e você tem ou teve alguma participação no sindicato dos professores, em colegiados?

[10:24] CONDÉ: Tive participação no sindicato dos professores do municí, é município não, no antigo SINPRO de Juiz de Fora, não em chapa, de participar de greves, de professores no inicio da década de dois mil, entre do é, não desculpa, dois mil não, é, eu to recuano dez anos, tem dez anos de diferença, é na de, no final, no finalzinho, no inicio da década de noventa, entre noventa e um e noventa e três eu ainda dei aula em escolas, então nós tivemos nesse período duas greves em escolas privadas, em escolas privadas, que eu participei do comando de greve, mais isso foi é, foi, que eu me lembre do sindicato foi essa participação, isso em noventa e, acho que em noventa e um e noventa e três se num me falha a memória.

[11:19] CAROLINA: Uhum, e como você analisa as organizações sindicais desde a sua entrada nos quadros da UFJF?

[11:27] CONDÉ: A, Juiz de Fora tem uma historia importante no que tange o movimento docente né, tem uma, uma trajetória importante por que daqui saíram presidentes do ANDES, do antigo ANDES, Organização nacional dos docentes do ensino superior, dois dos quais são, foram professores da historia, Zezé Feres e o Marcio Antonio, os dois foram professores do departamento de historia, é, presidência, nós tivemos sempre destaque, Juiz de Fora fez uma das primeiras greves, durante a ditadura militar e houve um, um destaque muito grande, nesse momento ou seja, quando nós pegamos ali os anos oitenta onde eu já estudava como aluno e os primeiros anos que eu tive na universidade, quer dizer, depois de noventa e dois, o movimento docente tinha uma atuação muito ativa, muito dirigida, muito preparada pra enfrentar a ditadura militar, aquela coisa de que a universidade estava passando por uma transição, uma reconstrução e tinha que enfrentar o movimento dos militares é, nos impunham, ali o movimento teve um papel extremamente importante, não só de marcar posição da universidade, com relação ao que tava acontecendo no pais, quanto é, com relação a, a ser uma trincheira também de oposição tão condisseste e depois ter participado de movimentos importantes como por exemplo a campanha das diretas em oitenta e cinco, mais depois ate o impeachment havia, havia sempre uma participação sistemática dos sindicatos e da referência que a APES, que a APES tinha com relação a, a essa inserção muito forte do movimento docente. Depois disso, ou seja, depois dos anos de noventa e cinco é o sindicato continuou é, é, é, numa perspectiva de luta, sob a ótica, sob a ótica do próprio sindicato adequado aquele momento, então assim houve outras greves, houve outros movimentos importantes mais eu, eu lamento dizer que eu acho que o, que o, há uma, uma, uma clara perda

eu num diria de representatividade mais de identidade de sindicato de um bom numero dos professores,eu acho isso,isso é uma coisa que veio muito depois,acho que isso,isso vem depois dos anos de dois mil,isso vem na década de dois mil a dois mil e dez,em que o sindicato tem um,um,tem menos membros,há uma mudança muito grande na base de professores que,que começam também é a mudar,e há uma serie de elementos da conjuntura política que eu acho que de alguma maneira acabaram forçando o sindicato a tomar posições que o afastaram de uma certa,de um certo grupo de professores né,é,então me parece que,a impressão que eu tenho do movimento hoje é de que é um movimento que continua sendo importante porque tem uma historia de onde a,a trajetória de onde ele veio,mais eu acho que há hoje um descolamento de uma parte importante dos professores,do discurso desenvolvido pela associação dos professores,eu não acho que há por exemplo uma,um completo entusiasmo dos professores em aderir as bandeiras tais como elas são apresentadas hoje a eles,então eu não acho que há uma,uma aproximação extremamente forte entre aquilo que o sindicato propõe e aquilo que um bom numero de professores vê como,como relevante certo,agora é importante?É,continua sendo importante,inclusive pela trajetória é que foi construída pelo sindicato.

[15:03]CAROLINA: E,comeram as,as formalidades institucionais e acadêmicas quando você entrou aqui na UFJF?

[15:09] CONDÉ: Como professor?

[15:10] CAROLINA: Isso,como professor.

[15:14]CONDÉ: Olha,é,essa pergunta é um pouco difícil porque a formalidade institucional,ela sempre existiu.

[15:21]CAROLINA: Sim

[15:22]CONDÉ: Se você ta me perguntado se as instancias burocráticas aumentaram,eu acho que elas aumentaram porque a regulação também aumentou ,que quê acontecia,em noventa e dois por exemplo,quando eu entrei,num tinha pós graduação,então em geral os professores viajavam por exemplo pra ir há um congresso,cem vezes menos do que viajam hoje,o nosso contato com a comunidade acadêmica em geral,era muito menos intenso do que é hoje,isso é reflexo um pouco da pós graduação por exemplo que também se altera com o tempo,então na verdade,agente utilizava menos recursos,assim,e havia menos recursos,isso é importante ressaltar,a universidade que existia nos anos noventa não tem nenhuma não tem nenhuma relação com a universidade que existe hoje,em termos de infra-estrutura nós estamos a quinhentos anos,se compararmos com o que tinha na década de noventa,nós tínhamos aqui sala de aula,algumas delas que não estavam nem em bom estado no geral,e num tínhamos equipamento rigorosamente nenhum,o que tinha aqui no maximo era uma retroprojeter,então assim,a,do ponto de vista da,da estrutura da universidade,aquela que foi na década de noventa,com aquela que nos temos depois da metade dessa década é,é uma outra universidade completamente diferente,isso implica em professores viajando mais,produzindo mais,escrevendo mais,publicando mais e ao mesmo tempo também levando o nome da universidade com muito mais eficiência do que se levava nos anos noventa,a universidade dos anos noventa era uma universidade de aula e de cursos de graduação,com menos recursos,com,com menos recursos mesmo,num tinha recurso pra investimento praticamente nenhum,a década de noventa pra nos é um desastre,por que as universidade enfrentaram nos anos noventa é a destruição do patrimônio delas,da Carrera,do trabalho dos aposentados,é um desastre absoluto,nós passamos anos e anos sem perspectiva de praticamente nada,entre mil novecentos e noventa,entre o Collor,mil novecentos e noventa e

um e o segundo mandato do Fernando Henrique Cardoso é melhor esquecer porque a universidade é desastrosa nesse período, como tudo isso nós ainda começa, os a construir um sistema de pós graduação, com tudo isso, nessa época, mais sem professores, sem funcionários, sem infra-estrutura, foi um, um, um, uma desgraça, de, sobre esse ponto de vista, então o, o que, a mudança que nos temos a partir de dois mil, eu diria dois mil e quatro pra cá, é uma mudança sim, é outra galáxia, o, aumentaram os recursos, aumentou o investimento, melhorou a biblioteca, aumentou a pós graduação, quer dizer, nós estamos diante de uma outra universidade, então assim, essa mudança qualitativa, não só quantitativa mais qualitativa que a universidade teve hoje, é, isso implica em mais controle, implica também, isso que você acabou de me ver fazer aqui é uma autorização eletrônica de despesa, que é feita com, com, com toque eletrônico, então assim, hoje eu sou fiscalização da própria universidade, que sou a fiscalização do TCU, da AGU, da, da, do Tribunal de Contas da União, da Advocacia Geral da União, diz, isso no passado também poderia ter, só que num tinha, o volume era completamente diferente, hoje nós somos fi, nós somos vigiados desde o ministério público até os órgãos de controle da união, então na verdade o grau de controle que tem hoje num universidade é muito maior, mais o numero de recursos também disponíveis hoje é muito maior se comparado ao que foi na década de noventa.

[19:17]CAROLINA: Entendi, e como era a metodologia utilizada por você pra ministra suas aulas? quando começou a trabalhar?

[19:26]CONDÉ: As aulas na década de noventa, eram basicamente é, nós trabalhávamos com, é, leitu, o, isso num mudo tanto assim, o recurso mudou mais a forma não muda tanto, porque na verdade qual que é a nossa matéria prima, básica, é livro, continua sendo, texto, continua sendo, só que hoje nos temos recursos paralelos como a internet, que permite que você tenha o texto, se monte um blog, você monte uma, uma pagina, você monte coisas que viram recursos didáticos, mais na década de noventa dar aula significava ler, fazer seminário, realizar relatórios e aula expositiva, basicamente era isso que acontecia é, na década de noventa, com menos recursos materiais que tem hoje, as mesma dificuldades que as vezes vocês como alunos reclamam hoje de biblioteca tinha num escala muito pior na década de noventa, ou seja, os professores que forneciam livros pra aluno reproduzir, a mesma pratica que tinha na década de noventa, de alguma maneira continua tendo hoje, certo, a diferença é que hoje você tem mais recursos paralelos com os quais você pode lidar, mais assim, basicamente é, é olhando do inicio da minha carreira lá nos anos noventa é, é ho, até ho, aquele inicio, basicamente os recursos que agente tinha era o que agente produzia, em termos de, ou texto próprio, ou aula, ou, ou, ou fichas de aula, ou então quadro negro e giz, ou então basicamente leitura de textos com seminário, agente rinha isso pra trabalhar, e era com isso que agente trabalhava.

[21:07]CAROLINA: Sim, e suas metodologia de avaliação, como eram?

[21:11]CONDÉ: Ai não mudou tanto, porque por exemplo, eu continuo valorizando dois tipos de avaliação, tanto a avaliação coletiva quanto a individual, então eu sempre trabalhei com do, com dois níveis de avaliação, um deles envolvia trabalho em grupo que de alguma maneira tem, isso é uma coisa que tem que ser, é muito difícil trabalhar em grupo, mais é uma coisa que CE tem que insistir, por que é fundamental as pessoas cooperarem internamente com o grupo, então eu sempre achei que as duas dimensões de trabalho tem que ser avaliadas, uma é essa dimensão de grupo e outra a dimensão individual, então até hoje eu faço trabalhos em grupo e faço avaliação individual isso não mudou muito, que avaliação individual, normalmente uma prova que pode ser feita com consulta mais que é ao mesmo tempo são duas questões que tem que ser respondidas, isso eu faço a anos e sempre faço a mesma coisa, e o trabalho em grupo a mesma coisa, grupos de quatro cinco pessoas, dependendo do tamanho da

turma,quatro pessoas,se a turma for muito grande cinco pessoas,que são trabalhos a serem re,que são relatórios a serem redigidos em trabalho de grupo,então basicamente esses dois níveis de avaliação eu fiz antes e continuo fazendo até hoje.

[22:19]CAROLINA: Sim,e qual o melhor período pela qual passou na UFJF?

[22:25]CONDÉ: Como professor né?

[22:26]CAROLOINA: Isso

[22:28]CONDÉ: O melhor período que eu passei como professor é o atual,em termos de facilidade de acesso ao recurso,de facilidade com recu,com,com as aulas,de facilidade de você ter,ter mais,eu diria até é,a combinação é de tempo com estímulo ,eu acho que hoje a situação e bem melhor do que foi na década de noventa,na década de noventa muita gente abandonou o barco ou pra aposentar,por que havia terror da reforma previdenciária,isso aconteceu no inicio da década de noventa,muita gente aposentou,algumas pessoas se aposentaram com quarenta e cinco anos de idade,na universidade,temendo a reforma da previdência e ai acabaram saindo,imagina,quem se aposenta com quarenta anos vai ficar nas costas da previdência social quarenta anos,pessoa hoje ta vivendo mais de oitenta anos,então ela vai receber por exemplo provento até,provento não aposentadoria até a morte num é,ou seja é uma pessoa que vai viver quarenta anos,é trabalhando aposen,trabalhado não aposentada né,depois isso,as outras pessoas abandonaram a carreira,aconteceu,existem casos,e nos fomos seguindo,então hoje que agente tem a,as no,na minha opinião a nossa carreira é melhor,ela não é um espetáculo mais é melhor,a eu acho que hoje o salário é melhor do que era inegavelmente melhor do que era,em relação a década de noventa,mesmo proporcionalmente,é e acho que as condições de trabalho são melhores principalmente de dois mi e quatro pra cá,eu acho que as condições de hoje são melhores.

[24:18]CAROLINA:Uhum,é como você percebe a relação entre a universidade e a comunidade que mora ao redor ?

[24:25]CONDÉ:Isso ai é o seguinte,é,eu diria que poderia ser mais intensa do que é,é,é muito comum universidades americanas é que fazem isso,é muitas vezes as co,elas,essas universidade são organizadas em locais menores e ai a universidade tem uma inserção na comunidade muito direta,ela influencia o entrono dela,de forma muito significativa,eu,eu,eu desconfio que nós em,nós afetamos pouquíssimo a comunidade a volta da universidade,uma forma de afetar é através de projetos de extensão né,que seria uma forma mais vamo dizer assim,direta,simples de afetar,existem projetos,existem,de varias naturezas,desde a área de suade até a a geo,a geografia tem projeto aqui no,é,no entorno por exemplo,mais eu acho que nos ainda mexemos muito pouco na comunidade a nossa volta,é,o bairro aqui também onde a universidade ficou inserida ele acabou se beneficiando pouco da,da vizinhança da universidade,dos recursos que a universidade poderia trazer pra ele,e eu acho que a universidade trabalhou de costas e trabalhou meio divorciada dessa comunidade muito significativamente,eu acho que a,certamente ela é pouca e poderia ser muito maior do que é.

[25:55]CAROLINA: Sim,e a relação da universidade com a cidade de Juiz de Fora,como você vê essa relação?

[26:00]CONDÉ:É, nós temos uma importância pra economia da cidade relativamente importante não só porque nos temos,é,é fatores é de impacto de renda de um volume de pessoas muito grande, cê paga ia, pega ai, mil e duzentos professores né, com uma, uma renda bem acima da media da cidade, cê pega mais mil e quatrocentos servidores que t então, também tem uma renda um pouco acima da media da cidade cum mais a atração de

cinquenta, sessenta por cento de alunos de fora, quer dizer, soai você tem um impacto econômico multiplicador, econômico pra cidade relativamente grande, fora isso a universidade hoje ta em, esta dentro de muita coisa, de conselhos, como o conselho de transporte por exemplo até na área de, de extensão e de COI, ligado a área de suade, nós hoje temos relação com as escolas, tem programas, nós temos programa de pós graduação que impactam região, então eu acho em termos mais gerais, se você olha pra capacidade multiplicadora que a universidade tem indiretamente sobre a cidade o impacto e relativamente grande, nós temos a,por que nós temos um saber acumulado, uma possibilidade de saber acumulado que pode ser utilizado em quantos campos ligados a administração publica e existem muitos convênios com a própria prefeitura ou ate com prefeituras regionais , então assim, eu acho que a universidade ela poderia ter um papel até maior é, em relação a comunidade se ela tivesse uma relação é, é, eu diria mais próxima dos poderes públicos ou se também se os poderes públicos tem interesse em que a universidade se aproxime deles, mais eu acho que do ponto de vista indireto o nosso efeito de multiplicador econômico é muito grande, é o nosso efeito multiplicador com relação a influencia que nós temos em algumas áreas também são muito relevantes,se você tirar a universidade de Juiz de Fora hoje você teria uma perda extremamente grande, tanto pa economia quanto pra cultura, por que a universidade também e promotora de cultura, indiretamente ou diretamente

[28:14] CAROLINA: E qual sua avaliação sobre o REUNI?

[28:18]CONDÉ: Eu sou muito suspeito pra falar isso por causa do seguinte, é , é, é o REUNI é um programa de dois mil e sete, um decreto presidencial de dois mil e sete, eu já era diretor do ICH, que eu entrei no ICH em dois mil e seis ,eu vou, meu mandato termina ano que vem , que dizer, o segundo mandato, porque eu fui reeleito, então eu fiquei dois mil e seis e dois mil e dez e depois dois mil e dez a dois mil e quatorze, é, a primeira vez que eu ouvi falar no REUNI foi na minha antiga sala de direção, quando eu recebi duas pessoas da administração superior que vieram me vender a idéia do REUNI, e elas tiveram um grande alivio eu me lembro, quando eu disse que eu num tinha nenhuma coisa contra o REUNI, pelo contrario, eu era francamente favorável, e a partir daí, a minha é, é, e porque? Porque isso? Por que a minha opinião não mudou com o tempo, é, nós passamos da década de oitenta até a década de dois mil dizendo que nós tenhamos que ampliar vagas na universidade, ai o governo me apresenta um programa que diz assim, se vocês ampliarem vaga, eu vou manda pra universidade tantos milhões de reais ,e vô manda professor e vô manda funcionário, que quê tem que faze pra isso, fazer duas coisas, abri as vagas, estabelecer um padrão geral de dezoito alunos pra um professor, que esse era o parâmetro, dezoito alunos pa um professor , e junto com isso melhorar a aprovação, a taxa de, de aprovação e se possível criar a a reestruturação em curso, eu num tinha absolutamente nada contra isso, passei vinte anos defendendo isso, então vem o REUNI meu conduzi o processo do ICH, pra que o ICH entrasse no, por que nos tínhamos, meu raciocínio era, era muito, era ao mesmo tempo ideológico, mais era fortemente pragmático é, vocês entraram aqui em que ano?

[30:32] CAROLINA: Eu dois mil e nove e você?

[30:35] ANA CAROLINA: Dois mil e doze.

[30:35] CONDÉ: Você entrou em dois mil e doze, você só estudou nesse prédio, você estudou no prédio antigo?

[30:39] CAROLINA: Sim estudei.

[30:40] CONDÉ: pois é, aquele prédio antigo, ele foi o primeiro prédio da universidade, ele é de mil novecentos e sessenta e cinco, ali funcionou o João vinte e três, foi o primeira serie do João

vinte e três, aquele prédio tinha gravíssimo problema de estrutura, ele não suportava ampliação e ao mesmo tempo ele tinha que sofrer uma reforma, que alias ta sofrendo, nesse momento, pra receber é, uma parte da faculdade de letras e uma parte da biologia, nos tínhamos, já tínhamos na época, quase dois mil alunos, a pós graduação sé crescia e as salas de aula não comportavam a estrutura de alunos que tinha lá, qual que era a única possibilidade que eu tinha, de fazer, apoiar o programa que colocou dez milhões de reais aqui ou simplesmente ficar batendo o pé e dizendo, não reforma essa porcaria aqui pra ver o que vai acontecer! Felizmente, quando o conselho discutiu isso, julgo por bem aprovar não só a entrada do REUNI como a construção de outro, de outra estrutura de prédios, e junto com isso, pra não impactar a estrutura dos cursos que já estavam instalados, eu patrocinei a criação de outro curso, um bacharelado interdisciplinar, que recebeu grande parte do alunos da ampliação, através de um ciclo de dois anos e meio, com depois um ciclo profissional de dois anos em media,então ciências sociais,turismo,ciência da religião e parte da filosofia aderiram a isso,então os alunos entram pelo bacharelado e saem depois nesses cursos, ao mesmo tempo então nós fizemos uma reestruturação curricular e uma estrutura de curso, colocamos pra dentro um numero de alunos que permitia um de,dez milhões de investimento ,e junto com isso fizemos ainda uma,uma,uma transição controlada entre a aquela estrutura antiga em direção a essa estrutura nova, eu só me candidatei a reeleição porque quando eu terminei o meu primeiro mandato esse prédio tava na metade,e o bacharelado tinha uma turma dentro, então eu, eu ,eu disputei a segunda vez exatamente pra consolidar, todo o, o , o processo, então eu tenho uma visão, e eu tenho uma visão muito favorável do REUNI hoje, eu acho que ele representou realmente uma entrada significativa de um publico na universidade, independente da origem social dele, mais que de alguma maneira ampliou o acesso a universidade, e eu acho que do jeito que nos fizemos aqui, é uma das melhores formas de fazer, alguma coisa pode ter dado errado? Pode por que todo o processo de implementação e assim, mais é, é, nós fizemos um esforço muito grande pra que as coisas caminhassem, planejado pra que as coisas caminhassem corretamente, na minha avaliação esse processo foi bem conduzido e do ponto de vista, até da estrutura mesmo do, do que era o REUNI, do que quê ele propunha eu continuo achando que o programa é um sucesso, do ponto de vista do investimento que foi realizado nele.

[33:51] CAROLINA: Em relação aos órgão de pesquisa,qual sua relação com eles,com a CNPQ?FAPEMIG?FADEPE?

[33:58]CONDÉ: É ,eu já tive é, é, eu tenho, eu tenho projetos aprovados, é eu particularmente, tenho hoje, ta no CNPQ pra ser julgado, tem, eu, eu fiz dois, dois projetos seguidos na FAPEMIG, Tenho um terceiro lá pra ser julgado, é , com a fundação, a fundação normalmente é a gestora de recursos da FAPEMIG, e, e do ponto de vista de pesquisa né, em larga medida, tenho uma relação bastante razoável, tem lá os problemas burocráticos de andamento mais assim, eu acho que a estrutura geral de fomento de pesquisa, é o que eu to te falando se você for aos anos noventa é outra coisa num tinha isso, pra cá nós temos uma quantidade muito favorável de editais, só o volume de editais que vão de equipamento, de bibliografia,de atualização,de construção ,de projeto de pesquisa é muito, a oferta hoje é muito grande, então assim é, é, é, isso é fundamental e eu por exemplo sempre me inseri nessa coisa dos, dos, dos editais, hoje eu to aguardando o julgamento de dois.

[35:03]CAROLINA: E na sua opinião,qual o papel da ciência na sociedade?

[35:12]CONDÉ: Quando agente fala em ciência,todas elas tem impacto sobre a sociedade,e que as vezes nas ciências naturais esse impacto aparece de uma forma muito direta,pele tecnologia por exemplo,o impacto que ele gera é muito direto,mais nas ciências humanas,o impacto que ele gera é o impacto da sociedade pensar sobre ela mesma,qualquer uma das

ciências humanas, no fundo, é um, é um, é um estudo que envolve a forma pela qual você constrói estruturas mentais ou ideológicas ou sociais, e de que maneira isso, de alguma maneira proporciona alterações na vida em sociedade, o que as ciências humanas fazem e tentam entender esse, esse processo, essa interação né, então, mais independente disso, sob qualquer instância o impacto que a ciência tem sobre a sociedade, numa sociedade como essa é absoluto por que a ciência se converte numa parte aplicada dela que é a técnica, ela acaba se tornando um fator de intervenção sobre a vida social muito grande, então assim é, é a ferramenta da ciência e as ferramentas técnicas que a ciência proporciona de alguma maneira alteram o nu, na sociedade capitalista contemporânea, elas alteram fortemente o tecido social e a forma pela qual nós organizamos nossa própria vida, isso mais do que em qualquer outra época, então assim, sob essa perspectiva a influência das ciências humanas ainda é muito grande pra sociedade contemporânea.

[36:51]CAROLINA: Sim. E como você vê o dever do professor em relação à sociedade ?

[36:57]CONDÉ: Ô!

[36:57]CAROLINA: O dever do professor?

[37:02]CONDÉ: Escolher ser professor, é o seguinte é, ninguém escolhe a profissão de professor por que tem uma vocação inata pra ser professor, essa história de vocação inata é uma conversa fiada certo, você desenvolve a vocação, você, e aí a palavra não é vocação, você desenvolve certas capacidades que te permitem de alguma maneira tornar-se professor, como eu tava te dizendo, comé que você, quando você tava nas ciências humanas, como é que você chega a ser professor? Você chega a ser professor, você chega a ser professor por que basicamente é isso que você tem pra fazer, certo? Você tem essas atividades de pesquisa, tem, você consegue trabalhar em centros de pesquisa, até consegue, mais a maior parte das pessoas vai tentar ser professor, e isso implica na a, na, na convicção de que você não vai ter aquela vida é, como é que eu diria, tranquila, se você fosse operador do mercado financeiro, mesmo assim operador do mercado financeiro costuma morrer de stress né, então assim é, é ser professor é você ter a convicção de que você tá fazendo alguma coisa, por que isso tem a ver com a formação e com a vida que você escolheu, e que portanto isso implica numa certa responsabilidade, por exemplo, é muito estranho a uma pessoa que é professor ter um comportamento na escola pública de uma maneira e na escola privada de outra, que quê eu quero dizer com isso, professores em geral corre de um lado pro outro, eles são professores da rede pública, eles são professores da rede privada né, não é surpreendente você ouvir um colega eventualmente dizendo assim: - Não aqui na escola pública, eu dou uma aula, aqui na escola privada eu dou outra. Eu só tenho um nome pra isso, mau-caratismo, certo? A mais o alu, a escola pública num me dá condições de trabalho, a escola privada num me dá condições de trabalho. Você faça o seu trabalho da melhor forma possível que você puder na escola que não te dá condições de trabalho, se você quiser lutar por isso com uma greve, com protesto, junto às famílias tudo bem, tudo isso é legítimo, mais não deixe de fazer seu trabalho porque aquela escola tem menos recursos do que a outra porque essas pessoas que você tá dando aula aqui, pra elas, elas provavelmente vão depender mais de você do que as outras, então assim, é, é, o, é, é esse dever que é quase um imperativo moral, combinado com a obrigação de você operar o conhecimento que você tem pra ajudar outras pessoas a pelo menos a, saírem do estágio onde elas estão, você tem que trabalhar com essa convicção, por que se você não trabalhar com essa convicção você tem que abandonar a profissão, ser professor de ensino fundamental, ensino médio é muito mais duro que ser professor universitário, ensinar a criança a ler, é uma das, eu jamais me habilitaria a fazer uma coisa dessas, inclusive porque esse, é uma coisa que tem o resultado que é imediato, chega no fim do ano a criança tem que saber ler, se ela não sabe ler você tem uma responsabilidade sobre isso, relevante, claro que

as turmas tem níveis diferentes, altitudes diferentes e tal, mais de alguma forma essa turma vai ter que atingir a habilidade de leitura, então assim, é muito difícil dá aula no ensino fundamental, e é curioso a medida que vai aumentando o numero de professores na escala o salário também cai né, é uma, é uma, é uma razão inversamente proporcional, é uma coisa muito curiosa, a medida que você vai tendo, mudando a esfera de escala escolar parece que vai diminuindo, vai ficando mais difícil, e o salário também é menor, quer dizer, então, tem uma loucura aí envolvida nisso, uma perversidade envolvida nisso que é muito grande, você ao mesmo tempo que você tem uma categoria enorme, Minas Gerais tem quatrocentos mil professores, certo, então você imagina o que quer que é o estado de Minas Gerais, um estado do tamanho da França, certo, com esse volume de professores, quarenta mil escolas, certo, então assim é um volume absurdo, estado, estado e municípios congregando uma massa de profissionais dessa área e grande parte dela no ensino fundamental, então assim é, é, é, há muito pouco estímulo pro cara ser professor, então você mantém esse imperativo quase ético, alias quase não, o imperativo ético de você contribuir e fazer o melhor possível dentro daquilo que você pode fazer em quaisquer circunstâncias, combinado com a obrigação de você ter que melhorar a vida das pessoas em algum nível, por que professor contribui pra isso, e junta isso com a dificuldade de infra-estrutura e com a dificuldade salarial, então assim, é muito difícil, o dever dele continua onde ele sempre esteve, são esses dois imperativos que eu, que eu apresentei antes, mais as condições materiais da existência do cargo são muito difíceis, e me parece assim, muito grande assim, qual que é, se tem professor universitário é, num é o topo da carreira alimentar, quer dizer numa certa maneira até é, mais é, é a nossa dificuldade. Leila é proporcional ao cargo, quer dizer, eu sou obrigado a fazer projeto de pesquisa, junto com a minha atividade de professor, eu sou obrigado a ter cargo administrativo, no meu caso né, junto com a atividade de professor, eu tenho que me relacionar com o mundo científico de uma outra maneira, ou seja eu tenho que produzir algum tipo de conhecimento que pode até ser utilizado por outros professores, eu tenho as minhas dificuldades, mais o meu dia-a-dia em sala de aula é completamente diferente daquele que trabalha com turmas, turmas e turmas seguidas e tem que enfrentar isso, nós temos que encontrar um equilíbrio entre essas coisas, tento do ponto de vista da carreira, ponto de vista salarial quanto com as condições de trabalho, mais a obrigação do professor continua sendo tanto o imperativo ético de é, ser o melhor profissional possível quanto o, o imperativo de melhora e vida das pessoas por que é isso que o professor pode ajudar a fazer.

[43:39] CAROLINA: E terminando a entrevista, como você vislumbra a UFJF daqui a cinquenta anos?

[43:49] CONDÉ: Olha, fazer esse tipo de previsão no Brasil é meio, é um pouco complicado sabe, assim se você me perguntasse quando eu entrei na universidade na década de noventa como é que ela seria vinte anos depois, vinte anos, talvez eu não tivesse errado muito do ponto de vista do, do avanço né, mais aquilo lá era muito mais uma esperança do que, digamos um avanço real, então o máximo que agente tem é esperança, as condições, o, o Bra, a, a universidade pública, ela é financiada por imposto, ela é financiada pelo, pelos impostos e, e, e, e, e pelo, pelo estado, se ela continuar com o financiamento estatal daqui por diante e, e nesse desdobramento, se ela continuar desenvolvendo os mecanismos de fomento a pesquisa, de investimento em biblioteca, de equipamento atualizado etc, nós, nós podemos vislumbrar, ter uma universidade brasileira, cada vez melhor naquilo que tange a produção de conhecimento, de pós-graduação e de cursos melhores de graduação, mas isso requer um investimento continuado, em condições de investimento continuado nas condições atuais nós temos possibilidade de tá em ou, estar em outro patamar em cinquenta anos, é nos rankings internacionais a única, as, as únicas universidades brasileiras que tem muita importância nos rankings internacionais são a USP e a UNICAMP, as duas estaduais, particularmente a USP né, nos rankings, nos rankings da América Latina aí agente tem uma lista enorme, porque o Brasil

predomina nos rankings da América Latina, mais toda a universidade que de alguma maneira deu um salto de qualidade muito grande, ela, esse salto passou pela pós-graduação, pela, e pela, e por uma produção de conhecimento muito consistente, se a universidade seguir nessa linha em cinquenta anos ela vai ser muito melhor do que é hoje, agora em cinquenta anos muita coisa pode acontecer, novos embates políticos, subfinanciamento, problema, se nós tivermos uma regressão nisso nós também julgamos a universidade de um outro patamar, na década de noventa quando o ministro era o doutor Paulo Renato Souza, que já passou dessa pra melhor, o Paulo Renato tinha um projeto que era transformar a universidade em centros universitários, e deixar com título de universidade apenas algumas universidades né, universidades do topo e universidades secundárias, esta por exemplo seria uma universidade secundária, hoje se aquele projeto do Paulo Renato tivesse passado Minas Gerais teria duas universidades, Viçosa e a UFMG, mesmo assim Viçosa com muito favor, porque Viçosa só tem uma grande tradição numa área, em ciências humanas por exemplo Juiz de Fora tem muito mais tradição do que Viçosa, mais na área agrária Viçosa predomina sobre as demais, então imagina se agente tivesse duas universidades em Minas Gerais que mereciam esse título, e São Paulo teria uma talvez a UNIFESP, é no Rio Grande do Sul a UFRGS, é no pa, talvez uma por estado com algum favor, por que Amazônia, Piauí não iam conseguir, então iam virar todas centros de ensino, o que quê aconteceria então, não decolaria certo, não andaria, se você tem o retorno de uma política de discriminar as universidades pela, simplesmente pela sua produção sem reconhecer a história institucional de cada uma delas, aí daqui a cinquenta anos nós estaríamos num quadro muito pior, por outro lado se nós mantivermos uma capacidade em investimento, que reconhece a importância nesses centros, como universidades e com o investimento continuado nós podemos esperar que o sistema universitário brasileiro, em particular, de graduação vai melhorar ainda mais, porque em pós-graduação nós temos um sistema de pós-graduação que é um dos melhores do mundo, por incrível que pareça as pessoas perdem um pouco essa dimensão, na América Latina o, não existe sistema igual o brasileiro, Argentina, Chile, Uruguai até pouco tempo atrás num tinha nem pós-graduação, Paraguai, Bolívia, Equador é, Colômbia, Venezuela, até o México esta, é um sistema muito inferior ao brasileiro né, então assim, é, é, no continente inteiro nós devemos ser os terceiros atrás de Estados Unidos e Canadá né, mais é, é, é, em termos de melhora da graduação e da produção global das universidades, com o investimento continuado nós podemos ter uma trilha de crescimento, eu sou otimista nesse sentido, em condições de investimento nós temos condição de dar saltos de qualidade maiores, imagino aqui, eu estou aqui a, de dois mil e seis a dois mil e doze, de dois mil e seis a dois mil e doze, só aqui, foi criado mestrado em psicologia, que já virou doutorado, do, tinha mestrado em história, virou doutorado, ciências sociais é, é tinha mestrado, virou doutorado, ciência da religião já tinha, mestrado e doutorado, foi criado mestrado em geografia, só nesse anos um mestrado, mais um mestrado e doutorado mais dois doutorados, isso num prazo relativamente curto, é entre dois mil e seis e dois mil e doze certo, a universidade saltou de um nível, de um número muito pequeno de cursos na década de noventa das quais um e, um já era o de ciência da religião, aqui, o outro foi o de letras, que também foi o primeiro da universidade, que, e pertenceu originalmente ao antigo ICHL não é, então assim, em poucos anos nós demos um salto de qualidade muito grande, mais isso só é possível com investimento, se você tiver quebras e descontinuidades você altera um pouco essa trajetória de crescimento, aí é muito difícil mais mantida as condições mais ou menos semelhantes agente pode ter sucesso nisso.

[50:10]CAROLINA: Queria agradecer a entrevista.

[50:12]CONDÉ: De nada

